



DOUTORES PALHAÇOS EM AMBIENTE HOSPITALAR: O USO DO RISO COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO

Área temática: Cultura

Elizabeth de Carvalho e Castro (Coordenadora)

Elizabeth de Carvalho e Castro¹

Cecília Peruch²

Natália Fernandes Martins Ferreira³

Palavras – chave: terapia do riso, criança hospitalizada, humanização da assistência, recreação.

Resumo:

O Programa de Extensão Acadêmica “Palhaços-Doutores em Ambiente Hospitalar- O Uso do Riso como Instrumento Terapêutico” tem como objetivo manter um grupo de palhaços atuante dentro do ambiente hospitalar. O intuito é melhorar o bem estar do paciente internado e da comunidade em geral. Contribuir para a humanização das instituições parceiras, bem como dos acadêmicos envolvidos. Capacitar e desenvolver o indivíduo para o cumprimento do trabalho voluntário e enriquecer a comunidade acadêmica tanto pela melhoria da formação, quanto pela visão da sociedade frente à integração da universidade com um novo programa social. O público alvo são os pacientes e familiares atendidos por hospitais parceiros. A metodologia do programa consiste em visitas semanais aos pacientes por

¹ Professora Assistente e Coordenadora do Curso de Biomedicina Noturno da Universidade Federal de Ciências de Saúde de Porto Alegre; coordenadora do programa “Palhaços-Doutores em Ambiente Hospitalar- O Uso do Riso como Instrumento Terapêutico”. Email: ecastro@ufcspa.edu.br

² Acadêmica de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

³ Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

voluntários caracterizados de doutores-palhaços capacitados na arte do riso, levando atividades cômicas e lúdicas aos internados e ao público em geral, visando à melhoria da qualidade de vida durante a hospitalização. Espera-se melhorar o quadro clínico do paciente, permitir que sua permanência no hospital tenha um impacto menos negativo sobre esse e seus responsáveis. O programa encontra-se em fase de implementação, tendo realizado cinco meses de intervenção, atingindo cerca de 7840 pacientes. Os números estimados concretizam de maneira positiva o trabalho dos doutores palhaços na internação do paciente.

Texto:

Introdução:

Sabe-se do forte impacto negativo que a internação exerce na rotina infantil. Atividades como o convívio escolar e com outras crianças, relações familiares, lazer, banho, alimentação e sono são prejudicadas pela nova rotina hospitalar e debilidade na saúde do paciente. Mesmo os adultos, que em tese, possuem mecanismos de enfrentamento mais amadurecidos que as crianças sofrem com os estressores da internação, pois estes têm responsabilidades perante a sociedade, tanto no âmbito familiar como profissional. Deve-se ressaltar também a mudança na rotina familiar, visto que os familiares sofrem com a internação do paciente gerada pelas perspectivas negativas intrínsecas de uma enfermidade.

Diante da vivência estressante, torna-se essencial oferecer estratégias que facilitem seu enfrentamento e promovam a qualidade de vida durante a hospitalização. O humor é uma modalidade terapêutica fácil, acessível e natural, que combinada com a intervenção médica melhora a qualidade de vida do paciente. Alivia, mesmo que temporariamente, as experiências estressantes que acometem a população adulta e infantil. Portanto, é de grande serventia para o bem-estar dos pacientes e familiares levar o humor neste momento de debilidade física e emocional. Ressaltando que o riso é um evidente sintoma de saúde física e mental, individual e coletiva (MENEZES, 1974).

Segundo Lima (1995), a dramatização é uma via de comunicação altamente eficaz com o público infantil, pois através dela consegue-se angariar sua simpatia e confiança, preparando-as para enfrentar novas situações. Por meio dessa técnica a criança pode conhecer detalhes da vida no hospital. A mesma vivencia a função real do ambiente hospitalar como lugar de cura e não a visão fantasiosa do hospital e das técnicas empregadas durante a assistência como um “purgatório” onde a dor é associada aos profissionais ali presentes. Durante a dramatização é possível que os profissionais da saúde observem se as informações foram ou não assimiladas. Aspecto este que geralmente lhes escapam, já que as crianças não manifestam, muitas vezes, espontânea e abertamente o que estão pensando ou sentindo, tampouco respondem de maneira satisfatória às perguntas diretas.

Em 1986, Michael Christensen, diretor do Big Apple Circus de Nova Iorque, foi convidado para uma apresentação em comemoração ao Dia do Coração no Columbia Presbyterian Babies Hospital. Optou por fazer uma sátira às rotinas médicas e hospitalares mais conhecidas, realizando transfusão de milk-shake e transplante de nariz vermelho entre outras utilizando técnicas do teatro Clown (mistura de técnicas circenses e teatrais). A reação positiva do público encorajou Michael a pedir permissão para visitar as crianças que não tinham sido capazes de participar do evento, apresentando-se como o mais novo médico em um dos quatro

andares da pediatria do hospital. O resultado surpreendeu a todos: crianças que se encontravam deprimidas e apáticas esforçavam-se ao máximo para participar dos jogos propostos. Após outras visitas, o hospital decidiu investir na continuidade do trabalho nascendo então a Clown Care Unit, o qual originou diversas iniciativas semelhantes (DOUTORES, 1997).

Objetivos:

O presente programa visa ser um recurso terapêutico no qual o doutor palhaço (DP) abre canais diferenciados de comunicação. Constituindo, assim, uma via de acesso que possibilita ao paciente exteriorizar seus medos, dores, angústias e limitações. O intuito é melhorar o bem estar do paciente internado e da comunidade em geral. Contribuir para a humanização das instituições parceiras, bem como dos acadêmicos envolvidos. Capacitar e desenvolver o indivíduo para o cumprimento do trabalho voluntário e enriquecer a comunidade acadêmica tanto pela melhoria da formação, quanto pela visão da sociedade frente à integração da universidade com um novo programa social.

Metodologia:

Os DPs são selecionados por meio de uma entrevista e presença em aula explicativa do propósito da atuação. Capacitados durante seis meses antes de adentrarem nos hospitais. Nesse tempo aprendem a lidar com a aceitação e a rejeição, respeitando o medo e o aflito que o enfermo pode apresentar em relação à figura do palhaço. Treinam como podem abordar os pacientes e contornar situações adversas. Aprendem a maquiagem e a vestimenta adequadas para o ambiente hospitalar. São ministradas aulas de biossegurança, artes cênicas, esculturas em balão, entre outros. Enquanto estão nesse processo de criação do doutor palhaço, eles têm a oportunidade de treinar o que é visto em aula em programas de extensão da universidade a fim de amadurecer o personagem e a atuação. Os DPs se valem de recursos que abrangem alguns dos cinco sentidos: como a visão, por meio das cores vibrantes que se destacam entre o branco do hospital e a audição, com músicas, histórias e piadas. Neste exercício, os doutores-palhaços possuem abordagem mais humanizada, pois diferente das tradicionais, enfocam a melhoria da autoestima e da coragem do paciente para enfrentar sua doença. Após o processo de aprendizagem, começam o trabalho voluntário nos hospitais semanalmente durante três horas. São realizadas esquetes, atividades físicas e lúdicas, cômicas, musicais, de acolhimento e inúmeras outras. As intervenções acontecem nos andares dos hospitais, na sala de emergência e na sala de espera para internação.

Análise e discussão:

A terapia do riso por meio da atuação dos doutores-palhaços pode significar a forma mais eficaz para diminuir o estresse. Sendo capaz de tornar o ambiente hospitalar menos traumatizante e mais alegre, auxiliando no processo de adaptação da criança à hospitalização. Uma vez que possibilita que sentimentos como temores, frustração, ansiedade e raiva, oriundos, principalmente, da doença e da internação, sejam expressos.

O programa encontra-se em fase de implementação, tendo realizado cinco meses de intervenção, atingindo cerca de 7840 pacientes. Os números estimados concretizam de maneira positiva o trabalho dos doutores palhaços na internação do paciente. Resultados que foram obtidos em pesquisas anteriores, como o do grupo Cia do Riso, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Nessa pesquisa, foi observado que a intervenção do doutor palhaço valoriza o processo de recuperação e o desenvolvimento infantil, pois abre espaço para a

fantasia, o riso, a alegria e facilita a adaptação ao cotidiano hospitalar. Funcionando como uma extensão do processo terapêutico e que privilegia as necessidades afetivas, emocionais e culturais da criança e de sua família, buscando um cuidado menos traumático (LIMA et al., 2009).

O riso e o bom humor são importantes recursos de promoção da saúde. Atuam no sistema imunológico, liberando serotonina que age como inibidor das vias da dor na medula (GARCIA et al., 2009).

Considerações finais:

Os benefícios promovidos pela terapia do riso não se limitam apenas aos pacientes e acompanhantes, estendendo-se àqueles que se dispõem a praticá-la – os doutores palhaços. Uma via de mão dupla se estabelece e aspectos positivos também são trazidos para a vida do DP. Dessa forma, é possível a criação e a manutenção de uma relação estável entre a criança, a família e a equipe de saúde.

Referências:

DOUTORES da alegria: música e pirueta nas enfermarias infantis. *Diálogo Médico*, v.12, n.1, p.10-12, 1997.

GARCIA, D. T. R.; SILVA, J. G. et al. A influência da terapia do riso no tratamento do paciente pediátrico, São José dos Campos, SP, Universidade do Vale do Paraíba – Faculdade de ciências e saúde, 2009.

LIMA, R.A.G. A enfermagem na assistência à criança com câncer. Goiânia: AB, 1995. 109p.

LIMA, R. A. G. De; AZEVEDO, E. F.; NASCIMENTO, L. C.; ROCHA, S. M. M. A arte do teatro clown no cuidado às crianças hospitalizadas, *Rev Esc USP*, 2009; 43(1): 178-85.

MENEZES, E. D. B. O riso, o cômico e o lúdico. *Revista de Cultura*, v.68, n.1, p.5-15, 1974.